

ANTROPOLOGIA

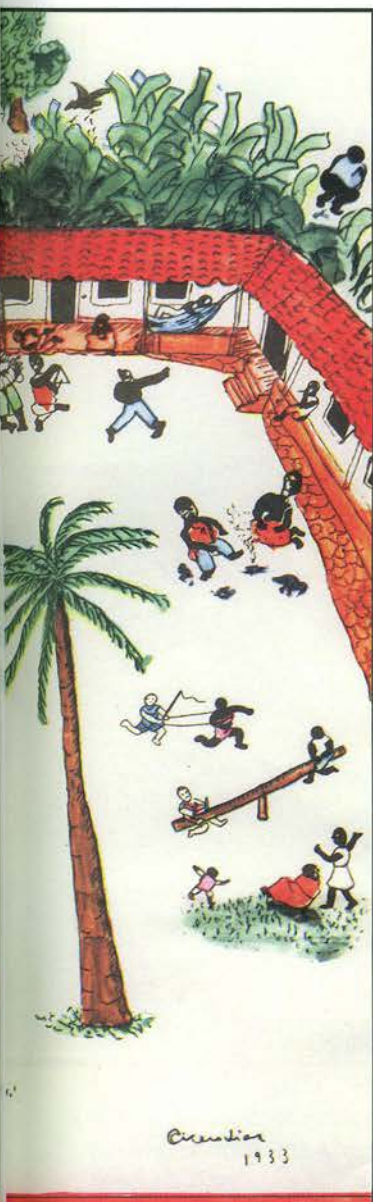
O álbum de família patriarcal

Tese reúne as visões conflitantes de Nelson Rodrigues e Gilberto Freyre sobre a formação caseira do brasileiro

Em uma só tese, a antropologia e o teatro nacionais ganharam novas interpretações no fim do ano passado. Com orientação do eminente antropólogo Gilberto Velho e defendida pela historiadora Adriana Facina, a tese de doutorado *Santos e Canalhas – Uma Análise Antropológica da Obra de Nelson Rodrigues*, que deve virar livro ainda este ano, faz uma leitura de como o teatro e a produção jornalística de Nelson Rodrigues retratam uma visão de mundo presente em diversas parcelas da sociedade em sua época e não só na obra do autor.

O desafio da pesquisadora foi desenvolver um trabalho antropológico sem a possibilidade de utilizar as metodologias clássicas da antropologia: o trabalho de campo e a observação participante. Além disso, era preciso o convencimento de que uma obra não pertencente à tradição do pensamento nacional pudesse ser analisada sob esse prisma. Para superar esses impasses, Adriana optou por uma aproximação da antropologia com a história, retirando dos documentos rodriguianos – suas peças, crônicas, artigos de jornais – o substrato para sua pesquisa. O material publicado na imprensa sobre o teatro de Nelson Rodrigues também foi levado em conta.

O resultado é um texto dividido em quatro capítulos que fazem uma análise clara da obra de Nelson Rodrigues, desenvolvida em diversos domínios – da opinião pública sobre o polêmico dramaturgo às representações da família e da cidade em suas peças. Adriana chega a traçar um paralelo entre as obras teatrais de Nelson Rodrigues e os estudos de Gilberto Freyre sobre o Brasil colonial. Ao fim, faz uma análise do conservadorismo que tomou conta dos textos jornalísticos de Nelson durante a ditadura militar. “A idéia central que norteia a análise desse extenso conjunto de fontes é a de que há, na obra de Nelson Rodrigues, a construção de uma visão sobre a natureza humana que oscila entre um profundo pessimismo e a busca de possibilidades de redefinição”, explica Adriana.



Cícero Dias
1933



- | | |
|-----------------------|-----------------------|
| 1 CASA-GRANDE | 14 FICADEIRO |
| 2 SENZALA DE CIMA | 15 CASA DA CALDEIRA |
| 3 POMAR | 16 ENCAIXAMENTO |
| 4 GALLINHEIRO | 17 CASA DE FARINHA |
| 5 CHIQUEIRO | 18 ESTRIBARIA |
| 6 SENZALA | 19 TANQUE DE MEL |
| 7 AÇUDE | 20 DISTILLAÇÃO |
| 8 CURRAL | 21, 22 CASA DE BAGAÇO |
| 9 FORTEIRA | 23 PONTE |
| 10 LEVADA | 24 CEMITERIO |
| 11 RODA DO ENGENHO | |
| 12, 13 CASA DE PURGAR | |

Ilustração de Cícero Dias para a edição de 1933 de *Casa Grande & Senzala*

Os homens e as mulheres de Gilberto Freyre

No ano em que se completam os 70 anos de *Casa Grande & Senzala*, dois estudos inusitados sobre a obra e a vida de Gilberto Freyre esperam apoio editorial para sair do forno. O livro *A Festa do Sexo – O Feminino e o Masculino na Obra de Gilberto Freyre*, de Fátima Quintas, faz uma análise da descrição que Freyre fez das mulheres no Brasil colonial em *Casa Grande & Senzala* e em *Sobrados e Mucamos*. Também coordenado por ela, um projeto ainda sem título reúne 50 entrevistas com o antropólogo publicadas em jornais e revistas.

Secretária-executiva do Núcleo de Estudos Freyrianos da Fundação Joaquim Nabuco, do Recife, Fátima Quintas publicou *Sexo e Marginalidade* (Vozes, 1987) e *A Mulher e a Família no Final do Século* (Fundação Joaquim Nabuco, 2000). Logo notou que Freyre foi o primeiro antropólogo a contextualizar a mulher na história do Brasil. “Ele mostrou como essa mulher foi oprimida e subjugada ao sistema patriarcal”, comenta a pesquisadora.



FOTOS AGENCIA ESTADO

Gilberto Freyre (acima) e Nelson Rodrigues: segundo autora, Freyre tinha visão mais otimista da família que o dramaturgo carioca

Essa ambigüidade com que Rodrigues via a natureza humana, e que deu origem aos “santos e canalhas” do título, foi acompanhada de uma oscilação de opiniões sobre sua obra no início de carreira. Nelson Rodrigues escreveu sua primeira peça teatral, *A Mulher sem Pecado*, em 1941, assumidamente para ganhar dinheiro – era jornalista esportivo de *O Globo*. Enquanto redigia o segundo ato, descobriu que tinha talento. E foi seu segundo texto, *Vestido de Noiva* (1943), considerado marco da dramaturgia moderna brasileira, que fez Nelson cair nas graças da melhor crítica teatral, que passou a considerá-lo gênio sem precedentes.

Porém, com *Álbum de Família* (1946), Nelson Rodrigues foi amaldiçoado por público e crítica por apresentar com toda crueza uma história baseada em relações incestuosas: pais que amam filhos e vice-versa, irmão que deseja irmã, cunhada apaixonada

por cunhado. Tornou-se autor maldito, tarado, que perturbava as famílias brasileiras com seus personagens traiçoeiros, lascivos, ambíguos.

Mas, conforme a tese de Adriana sugere, são justamente esses personagens aparentemente perturbados que podem aproximar Nelson Rodrigues de Gilberto Freyre. Além de terem sido ambos pernambucanos e terem mantido uma admiração recíproca, Freyre e Rodrigues tiveram a família brasileira no centro de suas obras – uma antropológica, outra teatral. Assim, a representação da família rodriguiana, que mantém relações incestuosas e é também vítima de traições e violência, seria uma continuidade da família patriarcal e endogâmica descrita por Freyre em obras como *Casa Grande & Senzala* (leia mais acima), mas feita pelo seu avesso.

“Rodrigues fazia uma crítica ao modelo apresentado por Freyre”, diz Adriana. “Enquanto Gilberto Freyre viu na família patriarcal um sistema ci-

vilizatório do período colonial, Rodrigues, que escrevia em outro momento histórico, captou o momento de desagregação dessa família”, explica a pesquisadora. É resultado dessa desagregação, segundo ela, a presença forte do elemento feminino como algo diabólico. A mulher que trai ou que seduz o parente é a mulher em busca de uma individuação que não existia na família patriarcal de um Brasil mais antigo e rural. “A busca da individuação dos personagens rodriguianos é também um reflexo do ambiente urbano”, diz ela. “Gilberto Freyre tinha uma visão muito mais otimista que Nelson Rodrigues no que diz respeito a essa família patriarcal”, compara Adriana.

O pessimismo de Nelson Rodrigues estava nos próprios motivos que o levavam a colocar na dramaturgia os fantasmas mais assustadores da natureza humana. “Para ele, quanto mais horrores, quanto mais essa dimensão de trevas da alma humana o teatro colocasse

A opressão atingiu principalmente o vértice português do triângulo racial colonizador. “A mulher portuguesa foi extremamente oprimida sexualmente”, explica Fátima. Além de ter sido atribuído a ela o papel único da procriação, a portuguesa foi precocemente introduzida em um sistema endogâmico perverso, em que primos, tios e até irmãos casavam-se entre si. “Elas tinham de se casar aos 12 ou 13 anos com homens de que não gostavam. Estavam permanentemente grávidas e muitas vezes morriam cedo em um dos partos”, diz a pesquisadora.

A situação se agravava pelo próprio sistema açucareiro. Extremamente sedentárias, essas mulheres permaneciam a maior parte do tempo em casa, comendo os doces e as guloseimas produzidas na Casa Grande. “Tornavam-se obesas e muitas vezes desinteressantes”, comenta a pesquisadora. Não é difícil imaginar que fosse comum o senhor de engenho buscar prazer sexual mais fora do casamento do que dentro dele. Essa

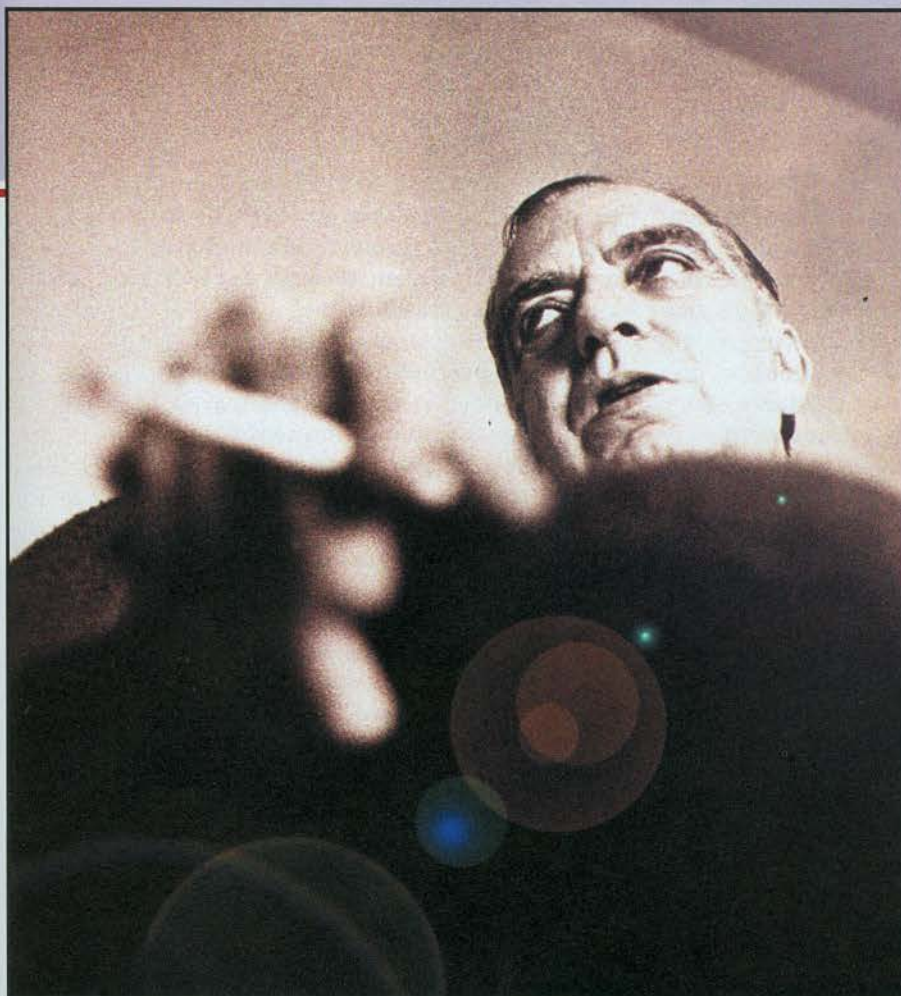
foi uma das portas de entrada para que a negra tomasse importante papel no cotidiano da Casa Grande.

“A portuguesa foi obrigada a conviver com a traição de seu marido, que mantinha relações intensas com as mucamas”, continua Fátima. A atração sexual era acrescida de uma afetividade presente no fato de as escravas serem as amas-de-leite das crianças paridas pelas brancas. “As portuguesas não tinham amas-de-leite porque queriam, mas porque, estando sempre grávidas, não conseguiam também amamentar”, explica Fátima. O convívio entre brancas e negras muitas vezes deu vazão à crueldade das senhoras de engenho. “Em uma passagem de *Casa Grande & Senzala*, uma senhora manda arrancar os olhos de sua mucama e servi-los em uma bandeja ao patriarca”, conta Fátima.

Embora a índia não estivesse obrigatoriamente presente na arquitetura interna da Casa Grande, Fátima não a deixou de fora em seu estudo. “O con-

tato entre as índias e os portugueses foi de grande ‘intoxicação sexual’, segundo Freyre”, diz ela. Vários motivos facilitaram as relações entre portugueses e índias. Primeiro, o caráter nômade da cultura autóctone, com longas ausências dos índios homens. Depois, a ausência da noção de traição no seio dessa cultura.

Além de inédita para o seu tempo, a apresentação que Gilberto Freyre fez do universo feminino no Brasil colonial denota, na opinião de Fátima, uma característica pessoal que o antropólogo soube emprestar a sua obra. “Freyre usava todos os seus sentidos para ampliar seus conhecimentos”, diz ela. Foram essas características pessoais que a pesquisadora quis captar nas entrevistas selecionadas para seu outro projeto. “Além de serem autobiográficas, as entrevistas contêm a essência do pensamento freyriano”, avalia Fátima. Entre as conversas, está uma famosa, de 1980, em que Freyre disse à revista *Playboy* que, para ele, era necessário conhecer todos os ângulos da vida. Assim, já experimentara a homossexualidade – tendo optado, ao final, pela heterossexualidade.



em cena, mais o teatro teria uma função purificadora”, comenta Adriana. “É como se os seres humanos, ao serem confrontados com o aspecto mais satânico de sua natureza, pudessem se purgar disso, pelo menos parcialmente. Essa seria a função do teatro para Nelson”, conclui a pesquisadora.

Em sua tese, Adriana analisa a produção jornalística de Nelson Rodrigues em dois momentos. Num primeiro, dos anos 50, com a coluna diária *A Vida Como Ela É*, Nelson Rodrigues aproveitava o espaço privilegiado para dar respaldo a sua criação teatral. “Os contos eram importantes para oficializar a imagem de tarado e também servir de laboratório para suas peças”, explica Adriana. Já nos anos 60 e 70, Rodrigues usou o jornalismo para mostrar seu radicalismo quanto às noções esquerdistas, surpreendendo a muitos pelo seu engajamento com os militares e no ataque à intelectualidade contestatória em geral. ●